

**UM  
ESCÂNDALO  
BEM  
BRITÂNICO**

Título original: *A Very English Scandal: Sex, Lies, and a Murder Plot at the Heart of the Establishment*

Copyright © 2016 John Preston

Todos os direitos reservados pela Editora Vestígio. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITOR RESPONSÁVEL

*Arnaud Vin*

EDITOR ASSISTENTE

*Eduardo Soares*

ASSISTENTE EDITORIAL

*Pedro Pinheiro*

PREPARAÇÃO

*Eduardo Soares*

REVISÃO

*Júlia Sousa*

*Mariana Faria*

CAPA

*Diogo Droschi (sobre imagem de Sony Pictures)*

DIAGRAMAÇÃO *Larissa Carvalho Mazzoni*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP,  
Brasil**

Preston, John

Um escândalo bem britânico : sexo, mentiras e uma trama de assassinato no parlamento inglês / John Preston ; tradução Rodrigo Seabra. -- 1. ed. -- São Paulo : Vestígio, 2020.

Título original: *A Very English Scandal : Sex, Lies and a Murder Plot at the Heart of the Establishment*

ISBN 978-85-8286-446-3

1. Escândalos - Inglaterra - História - Século XX 2. Grã-Bretanha - Política e governo - 1964-1979 3. Julgamentos (conspiração) - Inglaterra - Londres 4. Políticos - Grã-Bretanha - Biografia 5. Thorpe, Jeremy,

1929-2014 - Comportamento sexual 6. Thorpe, Jeremy, 1929-2014 - Julgamentos, litígios, etc. I. Título.

18-14258 CDD-364.1523092

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Políticos : Assassinatos : Escândalos sexuais : Biografia 364.1523092

A **VESTÍGIO** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

#### **São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312. Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

[www.grupoautentica.com.br](http://www.grupoautentica.com.br)

#### **Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

Para Milly e Joseph

“Sr. Holmes, eram as pegadas de um cão gigantesco!”  
– Arthur Conan Doyle, *O cão dos Baskerville*



## **PARTE UM**

## UM JANTAR NA CÂMARA DOS COMUNS

Em uma noite de fevereiro de 1965, um homem com uma predileção especial por ternos de mohair, um rosto estranhamente vincado e uma vaga semelhança com Humphrey Bogart entrou no salão de jantar destinado apenas aos membros da Câmara dos Comuns. Seu nome era Peter Bessell, um parlamentar do Partido Liberal pela cidade de Bodmin, na Cornualha. Bessell vinha atuando como parlamentar havia apenas seis meses, e por isso ainda ficava meio maravilhado com aquele lugar. Como tinha poucos amigos ali, já havia se acostumado a fazer suas refeições sozinho. Entretanto, naquela noite, ouviu uma voz vinda de trás que perguntava se ele gostaria de companhia para jantar.

A voz pertencia a outro parlamentar do Partido Liberal, Jeremy Thorpe. Muito embora fosse oito anos mais novo que Bessell, Thorpe já vinha ocupando um lugar no Parlamento desde 1959. Aos 36 anos de idade, era uma estrela em ascensão em seu partido, largamente considerado como forte candidato a próximo líder dos Liberais. Mesmo que alguns dos parlamentares mais velhos o considerassem um pouco imprudente e exaltado, ninguém duvidava de seu apelo junto aos eleitores. Também bastante vivaz e até bonitão de um jeito meio cadavérico, Thorpe tinha uma quantidade aparentemente inesgotável de charme, já utilizado com muito sucesso no eleitorado de Devon do Norte.

Com suas extensas charnecas e seus vales profundos, aquela região pode ter ficado famosa pelas belas paisagens, mas sua população costumava ter empregos de baixa renda, fosse em trabalhos na terra ou na indústria pesqueira. Thorpe não podia estar mais longe desse perfil: era um ex-aluno do Colégio Eton com um gosto bastante refinado em roupas – apreciava particularmente um sobretudo de lã de caxemira com colarinho de veludo



e, em um viés mais excêntrico, um chapéu-coco marrom. Mesmo assim, não demorou nada para que ele conquistasse os eleitores de sua região.

Thorpe era carismático e simpático. Tinha também uma habilidade extraordinária de se lembrar dos nomes das pessoas e de fazer parecer que os problemas delas fossem muito especiais para ele. Sempre com os braços abertos e um sorriso enorme, se encurvava nos abraços com os eleitores como se a mera visão de cada pessoa ali fosse uma realização de um sonho. Poucos conseguiam resistir. Adoravam até mesmo quando ele, um brilhante imitador desde a infância, fazia graça com o sotaque carregado da região.

Na eleição de 1959, foi eleito com uma margem apertada de apenas 362 votos a mais. Já em 1964, esse número tinha subido para 5.136. Como recompensa por seu sucesso, Thorpe tinha sido nomeado porta-voz de seu partido no Secretariado da Commonwealth, a comunidade de nações britânicas. Ele e Bessell tinham se encontrado pela primeira vez dez anos antes nas eleições suplementares de Torquay, nas quais Bessell tinha concorrido e perdido. Ainda que eles não se conhecessem direito, Bessell tinha se convencido desde o primeiro instante de que os dois tinham algum tipo de ligação. Fisicamente, eram quase da mesma altura, ambos com cabelos escuros e feições sérias, meio fechadas. Politicamente suas concepções coincidiam em muito também. Mas o que mais chamava a atenção aos olhos de Bessell eram as semelhanças nas personalidades de ambos: “Éramos os dois inflexíveis, ficávamos ofendidos por pouca coisa, capazes de muita arrogância e ambos irremediavelmente sentimentais”.

E eles tinham algo mais em comum, algo que logo ficaria bem aparente: cada um a seu modo, ambos eram extremamente oportunistas. Bessell tinha largado a escola aos 16 anos para se tornar pastor protestante sem formação clerical. Depois de abrir um pequeno negócio de alfaiataria na cidade de Paignton, em Devon, acabou indo parar na política e no Partido Liberal, em parte por razões ideológicas, mas, talvez mais provavelmente, por um desejo de apimentar ainda mais sua já caótica vida amorosa.

Bessell não parecia um conquistador convencional. Certa vez, comparou seu próprio rosto a “um piso mal revestido”, e os ternos de mohair de que tanto gostava faziam com que ele brilhasse levemente todas as vezes em que

se punha ao lado de alguma lâmpada elétrica. Esse efeito ainda era complementado pela voz extraordinariamente rascante, que o fazia soar como um frequentador de bares sujos em algum melodrama da era eduardiana. Ainda assim, fazia um sucesso considerável entre as mulheres. Logo depois da morte de sua primeira esposa, por tuberculose, Bessell se casou de novo. Junto da segunda mulher, Pauline, teve dois filhos, um menino e uma menina, mas o casamento e a paternidade nada fizeram para diminuir seu apetite de mulherengo. Por mais caótica que fosse a vida amorosa de Bessell, ela não era páreo para a confusão de sua vida profissional. Ao longo dos anos, tinha se envolvido em um sem-número de esquemas furados, convencido de que o levariam à fortuna, incluindo uma negociação de máquinas de vender bebidas quentes e uma cadeia de motéis que ele pretendia abrir por toda a Inglaterra. Mas a fortuna de Bessell teimava em não se materializar. Em vez disso, a maioria de seus negócios acabava fracassando terrivelmente, sempre deixando um rastro de dívidas.

De acordo com o relato de Bessell sobre o que aconteceu logo após aquele encontro, os dois homens se sentaram à longa mesa reservada para os parlamentares Liberais. Naquela noite, o lugar estava quase deserto, e não havia ninguém por perto que pudesse bisbilhotar o que os dois estavam conversando. O salão de jantar não era exatamente um lugar onde as pessoas se reuniam para fofocar. Tudo nele – o teto dividido em placas rebaixadas de madeira, o brasão real sobre a porta, os sisudos retratos vitorianos nas paredes – parecia especialmente projetado para conferir um ar solene. Condizendo com o ambiente que os cercava, os dois começaram uma conversa um tanto convencional. Falaram sobre o partido e em especial sobre o líder de então, Jo Grimond. Liderança do Partido Liberal nos últimos oito anos, Grimond tinha sido o principal responsável pela restituição da importância do partido. Em 1964, os Liberais tinham conseguido mais de três milhões de votos, um aumento de 5% desde a eleição geral anterior.

As eleições de 1964 foram vencidas pelo Partido Trabalhista, liderado por Harold Wilson. Com seu visual pálido e seu sotaque monótono de Yorkshire, Wilson não parecia nem soava como um fervoroso visionário.



Mas a Inglaterra, segundo ele declarava, estava à beira de uma nova era de prosperidade, na qual os privilégios econômicos e a pobreza seriam abolidos. E não apenas isso: “Os britânicos tomarão novamente a dianteira entre os povos com a melhor noção de um objetivo comum para todo o país”.

Mas essa utopia tão atraente parecia na verdade estar muito distante. Depois de conquistar uma maioria com apenas quatro cadeiras e com a economia afundando, os Trabalhistas se viram em uma constante luta para se agarrar ao poder. Para sua sorte, os Conservadores tinham acabado de eleger um novo líder, o nada carismático e nem um pouco atraente Edward Heath. Como terceiro maior partido, os Liberais ficaram em uma posição ideal para tomar aqueles eleitores desiludidos de ambos os lados. Havia até quem acreditasse que, pela primeira vez em mais de cinquenta anos, o poder estava finalmente ao alcance deles.

Jo Grimond tinha apenas 51 anos, mas, desde a eleição para a Câmara dos Comuns, circulavam rumores de que ele estaria próximo da aposentadoria. Ainda que Bessell pensasse que Thorpe pudesse ser um substituto ideal, ficava surpreso e até um pouco chocado com os rumores sobre a vida pessoal do colega. Na posição de único outro parlamentar do sudoeste inglês, Bessell imaginava que poderia ser inquirido dali a algum tempo a respeito de Thorpe, na iminência de uma troca de lideranças. Sob tais circunstâncias, seria prudente ele se municiar com o máximo de informações possível. Pelo menos era assim que ele vinha racionalizando a coisa para si mesmo. Mas, como de costume, Bessell tinha outros motivos bem menos nobres à espreita. Como colecionador inveterado de “disse-me-disse”, estava curioso mesmo era para saber se os tais rumores tinham algum fundo de verdade.

Na tentativa de levar Thorpe a falar de sexo, Bessell começou a comentar a respeito de sua secretária, Diana Stainton. Claramente desinteressado pela mudança de assunto, Thorpe perguntou se ela era boa.

“Ah, sim”, Bessell respondeu. “Especialmente na cama.”

Thorpe olhou bem para ele por intermináveis segundos e então desatou a rir. Disse a Bessell que o tinha imaginado como um homem muito feliz no

casamento. Bessell confirmou que seu casamento era mesmo muito feliz, mas que aquilo era outra coisa.

“Acredito que você possa considerar como um hobby”, disse. “Algumas pessoas colecionam selos ou jogam golfe ou criam cavalos. Eu gosto de transar.”

Àquele ponto, Bessell já tinha conquistado toda a atenção de Thorpe. Mas também sabia que Thorpe se entediava facilmente. Se quisesse atrair uma conversa mais indiscreta, teria de planejar com cuidado seu próximo passo.

“Mas é claro que quando eu era jovem”, Bessell continuou, “era tudo mais difícil. Anos atrás, as boas moças não iam para a cama com a gente se não se casassem antes”.

“E o que você fazia então?”, Thorpe perguntou.

“Ah, bem”, Bessell disse pensativo. “Naquela época eu ainda tinha tendências homossexuais.”

Só que não havia verdade alguma naquilo. Bessell nunca tinha sido nada além de um inveterado heterossexual; estava apenas jogando uma isca para ver que resposta teria do colega. Bessell não poderia ter sido mais apelativo, mas Thorpe ficara extasiado. Chegando para a frente, perguntou: “Tinha mesmo? Me conta mais sobre isso”.

Um pouco tomado de surpresa, Bessell tagarelou alguma coisa sobre um caso homossexual certa vez em um clube noturno em Viena. Quando terminou, Thorpe não disse nada logo de princípio. Em vez disso, fez sinal para o garçom.

“Peter, a situação pede uma bebida. O que você vai querer?”

Bessell disse que queria vinho do porto.

“Nada mais apropriado”, Thorpe respondeu. “Quero o mesmo.”

Enquanto esperavam por suas bebidas, Bessell decidiu usar sua momentânea vantagem para apertar mais um pouco o colega.

“E quanto a você?”, perguntou. “Estou certo de que não vive como um monge trapista.”

Thorpe pareceu um pouco tenso, e, por um momento, Bessell se perguntou se não teria dado um passo maior que as pernas.

“Quando estava em Oxford, tive tendências homossexuais”, Thorpe foi admitindo com cuidado. “Mas é claro que isso já faz muito tempo.”

Foram interrompidos pelo garçom trazendo as bebidas. Depois de erguerem as taças um para o outro, Bessell disse: “Acho que pessoas como nós nunca perdem esse traço, não é?”

Fez-se nova pausa, e então o rosto de Thorpe se desdobrou em um sorriso. “Peter”, ele disse em um meio-sussurro, “somos só um casal de bichas velhas... Me diga aqui”, continuou, enquanto ambos bebericavam seus portos, “como você classificaria essa sua fase? 50/50?”

“Não”, Bessell disse sem demora. “Diria mais como 80/20.”

“E você quer dizer 80% ou 20% gay?”, Thorpe quis saber.

Bessell nunca tinha ouvido a palavra *gay* antes e por isso levou um segundo ou dois para entender bem o que Thorpe queria dizer.

“Eu quis dizer 80% para as mulheres”, respondeu.

“Sério? É o contrário para mim”, Thorpe disse. “Sou 80% gay.”

Naquele momento, Bessell já sentia que ele e Thorpe tinham ainda mais em comum do que ele teria imaginado em qualquer momento anterior. Como ele depois se lembraria em traços grandiosos tão característicos, “assim como acontecia com Jeremy, minhas extraordinárias energias mentais e físicas se combinavam em um desejo de conquista em diversas áreas”. Ou, para dizer de outro modo, quando confrontados com a menor possibilidade de tentação sexual, ambos se viam incapazes de resistir.

Thorpe continuou a conversa falando de como seria desastroso se seus eleitores algum dia soubessem de sua homossexualidade. Além de isso significar o fim imediato de sua carreira política, a revelação ainda poderia levá-lo à cadeia, uma vez que a homossexualidade ainda era considerada crime em 1965.

“Mas nos viramos bem até agora”, disse. “Ninguém na Câmara sabe a meu respeito.”

“E alguém ligaria?”, Bessell perguntou.

“Ah, com certeza”, Thorpe respondeu pesaroso. “Nenhum de nós dois poderia ser líder do partido se alguém descobrisse.”

Naquele momento, o salão já estava fechando e Thorpe então pediu a conta.



“Muito bem dito”, Bessell disse. “Então, devemos cuidar para que ninguém jamais descubra.”

“Você tem razão”, Thorpe disse em um súbito arroubo passional. “E, em nome de Jesus Cristo, Peter, vamos cuidar para que eles nunca descubram.”

Quatro semanas depois, Bessell estava de manhã em seu escritório na Rua Clarges quando o telefone tocou. Era Thorpe. Queria saber se poderiam almoçar juntos. Bessell percebeu que Thorpe parecia mais tenso e menos vivaz que de costume. Claramente, alguma coisa estava errada.

Por sugestão de Thorpe, eles foram ao Ritz. Também aquilo pareceu estranho a Bessell, já que ambos eram membros do Clube Nacional Liberal, que era bem mais perto da Câmara dos Comuns, mas ele não disse nada. Na hora em que Bessell chegou, Thorpe andava impaciente de um lado para o outro pelo lobby. Depois de saudá-lo de maneira formal, foram os dois até o salão de jantar, onde conseguiram uma mesa com vista para o Parque Green.

As flores da primavera começavam a desabrochar, e Bessell, que se vangloriava de ter um bom olho para a beleza em todas as suas formas, pensou que, naquele dia, o parque estava particularmente lindo. No entanto, a bela vista era certamente a coisa mais distante dos pensamentos de Thorpe. Apenas passando os olhos pelo cardápio, pediu um bife ao molho tártaro. Assim que o garçom se afastou, Thorpe tirou uma carta do bolso interno do paletó e a entregou a Bessell.

“Leia”, disse.

Bessell notou que o envelope estava endereçado à mãe de Thorpe, Ursula, moradora de Oxted, em Surrey. A carta estava escrita em um bloco de notas azul. Ainda que fosse bem comprida – dezessete páginas – e que a escrita à mão estivesse difícil de decifrar, Bessell logo entendeu do que se tratava em linhas gerais. O remetente começava se desculpando por perturbar a Sra. Thorpe, mas também lembrava-lhe que já tinha sido um hóspede daquela casa. E então fez a alegação de que ele e Thorpe eram amantes.

“Pelos últimos cinco anos, como a senhora provavelmente já sabe, Jeremy e eu vimos mantendo um relacionamento ‘homossexual’.

Aprofundar-me nos detalhes disso seria um desserviço a todos nós. Quando estive em Stonewalls [casa da mãe de Thorpe], aquela foi a primeira vez que o vi, muito embora ele tenha dito à senhora algo sobre um programa de TV e Malta. Essa parte não foi verdade. O que permanece de fato é que, por ocasião de meu primeiro encontro com Jeremy naquele dia, eu trouxe ao mundo esse mal que jaz latente em todo homem.”

Segundo o homem alegava, Thorpe prometera cuidar dele. Mas o caso tinha terminado e a promessa tinha sido descumprida. Todas as tentativas posteriores de contato com Thorpe tinham falhado. O tal homem agora morava em Dublin e precisava de ajuda. Em especial, queria que Thorpe devolvesse a ele seu cartão de seguridade social, sem o qual, segundo o que estava escrito, o homem não conseguiria arrumar um emprego. Mas, para ajudá-lo a passar o sufoco, ele perguntava se a Sra. Thorpe não poderia fazer a gentileza de lhe emprestar trinta libras.

“Odeio pedir porque sei que é um assunto delicado, e sei o quanto a senhora e seu filho são próximos. Na verdade, é por isso mesmo que escrevo agora à senhora. Jeremy não me deve nada, e talvez até eu deva muito a ele, ainda que sinta que estejamos quites. Mas agora, em vez de procurar algum amigo de ocasião, venho apelar aos bons sentimentos dele como homem de bem para que me ajude neste momento de necessidade. Prometo pagar de volta cada centavo assim que me recuperar – e acredite-me quando digo isso.”

E ele terminava a carta com um pedido de desculpas e implorando: “A senhora consegue entender minha situação, Sra. Thorpe? Sinto muitíssimo. Por favor, acredite quando lhe digo que estou desesperado por qualquer ajuda”.

A carta estava assinada por Norman Lianche Josiffe.

Bessell ergueu os olhos novamente e viu Thorpe encarando-o nervosamente.

“Isso é verdade?”, Bessell perguntou.

Thorpe assentiu positivamente em movimentos lentos.

“E o que sua mãe achou disso?”

“Ela não acreditou”, Thorpe respondeu.

Foi então que Thorpe puxou uma segunda carta. Essa era bem mais curta, com apenas duas páginas. Explicou que era um rascunho da carta que ele pediria a seu assessor para enviar a Josiffe. Nela, Thorpe negava com veemência qualquer envolvimento sexual entre os dois e ameaçava entrar com um processo por difamação caso Josiffe viesse a repetir suas alegações: “Nosso cliente nega de maneira cabal as alegações danosas e sem base que o senhor fez contra ele e nos autoriza a avisá-lo de que ele não hesitará em registrar uma queixa, seja em tribunais ingleses ou irlandeses, para a abertura de um processo por difamação se vier a perceber qualquer traço de evidência de que o senhor tenha repetido sua alegação inteiramente viciosa e mentirosa”.

Havia ainda mais, e tudo no mesmo tom. Bessell leu a carta e o aconselhou veementemente a não enviá-la.

“Mas por que não?”, Thorpe quis saber.

“Já se esqueceu de Oscar Wilde?”, Bessell perguntou.

Para a surpresa de Bessell, Thorpe parecia nem ter ideia do que ele falava. Bessell teve de lembrá-lo de que Wilde tivera sua reputação destruída por um processo de difamação, em 1895, contra o Marquês de Queensberry, que alegara que Wilde seria um “sondomita” (*sic*).

“Então o que diabos eu vou fazer?”, Thorpe exclamou.

Bessell disse a ele que não poderia aconselhá-lo de outra maneira até que conhecesse melhor todos os detalhes do caso. Thorpe ficou pensativo por um instante, e então avisou que se tratava de uma longa história. Tudo bem, disse Bessell, já que ele não tinha nada para fazer naquela tarde.

Bessell não tinha como saber, é claro, mas aquela decisão arruinaria sua vida.



## O CARTÃO-POSTAL

Tudo tinha começado com outra carta, segundo Thorpe foi explicando – ou melhor, com um cartão-postal. Na tarde de sexta-feira, 26 de fevereiro de 1960, o Palácio de Buckingham divulgou nota oficial dizendo que a Rainha tinha dado sua permissão para o noivado de sua irmã mais nova, a Princesa Margaret, com Antony Armstrong-Jones.

Foi uma novidade que gerou grande entusiasmo. Tal como Thorpe, Armstrong-Jones era um ex-aluno do Colégio Eton, apenas um ano mais novo. Mas, ao passo que seu histórico era então bastante convencional, em outros aspectos Armstrong-Jones era bem diferente de qualquer outro consorte real. De reputação duvidosa, boêmio e incrivelmente convencido, tinha se tornado um fotógrafo de sucesso, apesar de ter sido reprovado em sua prova final na faculdade de Arquitetura de Cambridge.

O histórico de fracassos românticos da princesa também deu à notícia uma dose extra de interesse. Quatro anos antes, ela tinha sido forçada a romper seu romance com um oficial altamente condecorado da Força Aérea Britânica, o Capitão Peter Townsend, porque ele era divorciado. Mas agora parecia que ela finalmente tinha encontrado a felicidade. Além da habitual cobertura da imprensa sobre o noivado, havia também um bocado de artigos a respeito das implicações sociais daquele evento. Muitos comentaristas previram, com alto grau de confiabilidade, que aquele era o começo de uma nova era, que seria mais igualitária e menos cerceada por pompas e tradições.

Quando Thorpe leu a notícia, estava na Câmara dos Comuns. De imediato, correu para enviar um cartão para seu amigo, o honorável Brecht Van de Vatter.

“Que pena”, Thorpe escreveu. “Eu meio que esperava me casar com uma e seduzir o outro.”

No dia seguinte, o cartão chegou ao Esquilos, como era chamado o sítio onde Van de Vater morava na vila de Kingham, em Cotswold. Com seus ternos de tweed, suas gravatas com padronagens, sua Land Rover, seus cavalos e seus cinco cocker spaniels ingleses, Van de Vater dava toda a impressão de ser um típico cavalheiro inglês de boa estirpe. Só que, na verdade, tudo nele era uma fachada bem construída. Não era apenas seu título que era inventado; até seu nome era falso. O sujeito tinha nascido apenas Norman Vater, filho de um mineiro galês. Menos ainda era de boa estirpe – longe disso. Os vizinhos não imaginavam, mas ele era um falido de nome sujo na praça.

Van de Vater não morava sozinho no Esquilos. Dois meses antes, tinha admitido um assistente, um jovem chamado Norman Josiffe. Muito embora Josiffe não recebesse qualquer compensação financeira – era visto como um “estudante a trabalho” –, pelo menos ali ele tinha alojamento gratuito. Van de Vater também se responsabilizava por pagar a seguridade social do jovem. Assim como Van de Vater, Josiffe tinha seus segredos. Nunca soubera quem era seu pai. Depois da morte do primeiro marido, sua mãe, Ena, tinha saído em um cruzeiro ao redor do mundo com tudo pago pelo antigo empregador do marido, como forma respeitosa de compensação pelos anos de serviço. Quando chegou de viagem, estava grávida. Dois anos depois de dar à luz Norman, ela se casou com Albert Josiffe, um contador que era o melhor amigo do marido falecido. Para deixar tudo nos conformes, o filho recebeu o sobrenome do novo marido.

Com quase nada de base familiar, Norman Josiffe cresceu com uma noção muito frágil de sua própria identidade. Muito carente de afeto em sua própria casa, encontrou essa qualidade nos animais – e nos cavalos em particular. Foi justamente a primeira coisa que trouxe problemas ao rapaz. Logo que fez quinze anos, Josiffe pediu à mãe para lhe comprar um pônei. Ela se recusou, mas ele conseguiu um de graça na Blue Cross, uma entidade de proteção aos animais. Quando a mãe igualmente se recusou a dar dinheiro para alimentar o bicho, Josiffe roubou comida e uma sela.

Em 23 de abril de 1956, aos 16 anos, foi levado ao tribunal juvenil de Bromley, em Kent, e posto em liberdade condicional. Com a intenção de fomentar o interesse de Josiffe por cavalos, seu oficial da condicional o



incentivou a se tornar aluno da Escola de Equitação Westerham, perto de Oxted, em Surrey. Lá, ele viria a se diplomar como instrutor de montaria e, logo que deixou a escola, recebeu uma proposta de emprego de Brecht Van de Vater.

Naquela época, Josiffe já tinha 19 anos. Com seus fartos cabelos pretos, olhos escuros e lábios grossos, tinha se tornado um rapaz muito bonito, com uma mistura notável de traços angelicais e soturnos. Do ponto de vista sexual, tinha tido algumas aventuras heterossexuais na escola de equitação, mas ainda era virgem. Na casa de Van de Vater, as tarefas do rapaz consistiam principalmente em limpar os estábulos e exercitar os quatro cavalos que o patrão mantinha. Mas não demorou nada até ele perceber que teria de exercer outras funções, digamos, mais fora do usual.

Quando o cartão chegou, Van de Vater o mostrou com orgulho a Josiffe e explicou que vinha de um amigo muito importante. Mostrou também diversas cartas recebidas do mesmo amigo, alegando então, de forma misteriosa, que aquelas eram suas “apólices de seguro”. Ainda que Josiffe não tenha tido permissão de ler nenhuma das cartas, notou que o papel era timbrado com o selo da Câmara dos Comuns.

Alguns dias depois, Van de Vater disse a Josiffe que o tal amigo viria não só para uma visita, mas para ficar uns dias. Antes de ele chegar, Van de Vater quis tomar um bom banho e pediu a Josiffe que o acompanhasse ao banheiro. Josiffe ficou surpreso ao perceber que o lugar estava iluminado somente por velas. Van de Vater então tirou seu roupão e entrou na banheira. Josiffe ficou ainda mais surpreso ao receber do patrão um frasco de creme de barbear e uma lâmina, junto a um pedido para depilar as costas de Van de Vater. Mesmo achando que a tarefa era muito fora de suas atribuições, mas sem querer dizer nada em contrário, Josiffe espalhou a espuma e se pôs a passar a lâmina.

Naquela noite, ele foi dormir antes que o visitante de Van de Vater chegasse. Na manhã seguinte, se levantou, tomou seu café e, como sempre fazia, foi ao estábulo para limpar a sujeira dos cavalos. Lá fora do sítio, viu o carro do visitante estacionado, um Sunbeam Rapier. Por volta das 9 horas da manhã, um homem alto de sobretudo preto com colarinho de pele

astrakhan apareceu e se apresentou. Seu nome, ele disse, era Jeremy Thorpe.

Josiffe se lembrava vagamente de que Thorpe era um parlamentar dos Liberais, mas, fora isso, não sabia mais nada sobre ele. Os dois começaram a conversar. O que mais chamou a atenção de Josiffe era como Thorpe era charmoso e atencioso. “Tudo o que me passou pela cabeça foi ‘que cara bacana!’” Muito embora logo tenha ficado óbvio que Thorpe não entendia nada de cavalos, continuou insistindo que os adorava.

Thorpe, por sua vez, ficou ainda mais encantado por Josiffe. Como anos depois diria a Peter Bessell, “ali estava ele, debruçado sobre a porta da baia; era simplesmente divino”.

Os dois conversaram sobre cavalos por muitos minutos, ainda que de certa maneira formal, e então Thorpe fez uma pausa. “Isso que eu vou te dizer pode parecer meio estranho no momento”, ele disse, “mas, se você vier a ter qualquer problema com Van, quero que entre em contato comigo.”

Então, deu a Josiffe seu cartão. Também nele havia o emblema da Câmara dos Comuns, como Josiffe logo percebeu, e um número particular de Thorpe. Depois que Josiffe guardou o cartão na carteira, os dois se despediram. Muito impressionado, ainda que confuso pelas palavras, Josiffe só ficou observando enquanto Thorpe voltava para dentro da casa.

Naquela noite, antes de dormir, Josiffe tirou o cartão de Thorpe da carteira e ficou olhando. Pensou mais uma vez no quanto Thorpe lhe parecera charmoso, e também se perguntou o que será que ele quis dizer com aquela história de “problemas com o Van”. Não teve de esperar muito para descobrir do que se tratava.

Coisa de dois meses depois, Josiffe e Van de Vater foram ao torneio equestre de Tidworth, em Wiltshire. Durante o evento, Josiffe estava escovando um cavalo chamado Harbour Light quando o bicho se assustou com um barulho alto e saiu em disparada. Van de Vater no mesmo instante se enfureceu. Na frente dos muitos amigos ali em volta, começou a desancar Josiffe por sua incompetência, proferindo aos berros que ele fosse “se foder”. Ninguém jamais tinha falado com Josiffe daquele jeito, de modo



que ele ficou profundamente chateado – tanto até que resolveu deixar o evento logo em seguida.

Conseguiu uma carona até Salisbury e depois pegou um trem em Oxfordshire. Tinha ficado fora apenas dois dias, mas, quando voltou ao Esquilos, ficou surpreso ao perceber que uma quantidade enorme de cartas tinha sido entregue naquele curto intervalo de tempo – tantas, que ele teve dificuldade para abrir a porta da frente da casa. Mas ele ainda teria um choque maior pela frente. Perplexo, viu que a maior parte das cartas estava endereçada a ele próprio. Ao abri-las, Josiffe percebeu que todas continham recibos de coisas que Van de Vater tinha comprado em seu nome à prestação. Entre os itens, havia uma Land Rover e um reboque para transporte de cavalos.

Sem saber o que fazer, Josiffe atravessou correndo o campo que o separava da casa de uma mulher chamada Sra. Barton, de quem ele ficara amigo. A compreensiva senhora disse a ele que voltasse ao Esquilos, juntasse tudo o que possuía e que também pegasse todas as contas a vencer. Ainda o instruiu para que ele deixasse um bilhete para Van de Vater, informando para onde tinha fugido, e depois voltasse à casa dela. Josiffe assim fez, retornando ao sítio e juntando todos os seus pertences. Pegou em seguida todas as contas em seu nome e deixou o bilhete explicando o que tinha feito.

Então, logo que estava para sair da casa, parou e pensou. No calor do momento, decidiu carregar consigo outras coisas: as tais cartas que Jeremy Thorpe enviara a Van de Vater. Desde que conhecera Thorpe, Josiffe teve a estranha sensação de que ele tinha tudo para ser seu salvador em algum momento de necessidade. Não havia nada de racional naquele gesto; pesou apenas o fato de que Thorpe tinha sido uma das poucas pessoas gentis na vida de Josiffe. Em seus devaneios, Josiffe chegou até mesmo a fantasiar que, quando Thorpe escrevia “Caro Norman” naquelas cartas, estaria se referindo a ele, e não a Van de Vater, o verdadeiro destinatário.

Josiffe se lembrou de como Van de Vater se vangloriava sobre as cartas serem sua apólice de seguro, e então pensou que poderia assim recompensar Thorpe por sua afabilidade ao tomá-las de volta, no caso de que houvesse naqueles escritos algo que pudesse causar incômodo ao

parlamentar. Josiffe sabia que o patrão mantinha as cartas em uma gaveta na sala. Havia umas trinta ao todo, incluindo o tal cartão-postal no qual Thorpe dizia que gostaria de se casar com a Princesa Margaret e seduzir Antony Armstrong-Jones. Então, saiu da casa, fechou bem a porta e se dirigiu à propriedade da Sra. Barton.

Dois dias depois, Van de Vater voltou de Tidworth. Assim que encontrou o bilhete de Josiffe, correu esbaforido à casa da Sra. Barton. Foi então que transcorreu uma cena um tanto desagradável. A Sra. Barton acusou Van de Vater de um comportamento vergonhoso, enquanto o próprio Van de Vater, tempestuoso como de costume, mais uma vez acusou Josiffe de incompetência. Estava claro que Josiffe já não tinha mais como morar no Esquilos. Mudou-se para a casa da Sra. Barton por um tempo. Nas semanas que se seguiram, o estado mental de Josiffe, que já não era exatamente saudável, começou a se deteriorar. Pouco tempo depois de conseguir mudar-se para seu próprio lugar, lá estava ele tendo um novo colapso nervoso – que ele acreditava ter sido causado pelo choque de descobrir que Van de Vater tinha feito dívidas em seu nome.

Josiffe começou a contar às pessoas que estava tendo um caso com Jeremy Thorpe, muito embora, até aquele momento, os dois só tivessem se encontrado uma única vez. Em certa ocasião, a polícia foi chamada até uma casa onde ele estava morando na vila de Church Enstone. No local, encontraram Josiffe agindo de forma desencontrada. Um dos policiais que atenderam a ocorrência, chamado Frederick Appleton, contou anos depois que “na casa, encontramos uma criatura patética sentada ao pé da escada, chorando e murmurando coisas estranhas e espantosas. Pelo que conseguimos entender, ele estava muito desapontado com algum homem que morava naquela casa, o qual ele tinha surpreendido em companhia de uma mulher. Daí concluímos que ele tinha tido algum relacionamento homossexual com o tal homem. Josiffe continuou falando por todo o tempo em que estivemos lá, balbuciando de maneira patética. Ficava mencionando um certo Jeremy, dizendo que contaria isso para Jeremy e aquilo para Jeremy, até que um de nós perguntou: ‘Mas quem é esse Jeremy?’ E ele respondeu: ‘Jeremy Thorpe’”.

Josiffe foi levado de ambulância até uma clínica psiquiátrica nova nos arredores de Oxford, chamada Clínica Ashurst (afiliada ao Hospital Littlemore), onde foi colocado em um tratamento com sedativos e antidepressivos. Depois de algumas semanas, ele mesmo se deu alta e foi morar em um apartamento em Oxford com dois outros pacientes. Não demorou nada até que fosse readmitido na mesma clínica. Em outubro de 1961, o médico encarregado do lugar, Dr. Anthony Willems, o chamou em seu consultório e disse a Josiffe que não havia mais nada que eles pudessem fazer por ele ali naquele lugar.

O Dr. Willems perguntou também se ele tinha algum lugar para onde ir. De princípio, Josiffe ficou confuso. Pensou que não podia mais incomodar a Sra. Barton e que não tinha nenhum amigo próximo. Então, de súbito, lembrou-se de Jeremy Thorpe. Explicou ao médico que Thorpe certa vez tinha se oferecido para ajudá-lo caso ele se visse em apuros. O médico considerou uma excelente ideia e prontamente deu alta ao paciente – mas não sem antes receitar mais remédios e recomendar que era importantíssimo continuar tomando-os da maneira prescrita.

De Oxford, Josiffe voltou a Cotswolds para pegar sua mala – onde estavam as cartas que tinha furtado de Van de Vater – e sua cachorrinha, uma jack russell chamada Tish. Então, em 8 de novembro de 1961, com todos os seus pertences em uma só mão e a cadelinha na outra, Norman Josiffe, atordoado como nunca, pegou um trem para Londres.



## O OLHO DE URSE

Logo depois das 2 horas da tarde, Josiffe e Tish chegaram à Câmara dos Comuns. Ele disse ao guarda na porta que estava ali para ver Jeremy Thorpe, e assim, como todos os visitantes da Câmara, foi instado a preencher um formulário verde com todas as informações sobre quem era e o que fora fazer ali. Foi então que se deparou com um obstáculo imprevisto. O guarda disse que os únicos cães que podiam entrar no Palácio de Westminster eram os cocker spaniels do Rei Charles II – consequência de um decreto expedido pelo rei coisa de trezentos anos antes.

Josiffe ficou sem saber o que fazer com Tish. Lembrou-se de que, quando estava a caminho da Câmara dos Comuns, tinha passado por Whitehall e lá havia uma sede da União Britânica pela Abolição da Dissecção de Animais. Chegou à conclusão de que Tish não correria nenhum perigo por lá, então voltou e perguntou se poderia deixá-la com eles só por umas duas horas. O pessoal da União não poderia ter sido mais prestativo. Quando voltou à Câmara, Josiffe foi conduzido até o salão St. Stephen, onde deveria aguardar um pouco. Era a primeira vez que ele entrava no Palácio de Westminster, e por isso ficou olhando fascinado para todos os rostos familiares que iam passando. Dez minutos depois, Thorpe chegou caminhando animado com seus pés chatos nos ladrilhos do salão.

Qualquer medo que Josiffe tivesse de não ser reconhecido instantaneamente se dissipou.

“Norman!”, exclamou Thorpe com satisfação, já de braços abertos.

Sentaram-se lado a lado, e Thorpe então perguntou como estavam as coisas. Josiffe começou a explicar todos os seus infortúnios, mas nem conseguiu ir muito longe, pois Thorpe decidiu que seria melhor se dirigirem a um escritório mais privado próximo dali. Josiffe o seguiu por



uma escadaria que subia e outra que descia, depois por muitos corredores, e então Thorpe finalmente mostrou onde ficava a sala de entrevistas – como parlamentar júnior, ele ainda não tinha escritório próprio.

Chegando lá, serviu uma xícara de chá a Josiffe e ficou ouvindo com atenção o relato do rapaz. À menção de Van de Vater, Thorpe apenas murmurou “Mas é um tolo...”, e ficou o resto do tempo em silêncio. Quando Josiffe terminou de falar, Thorpe quis saber onde o rapaz se hospedaria.

Josiffe admitiu que não tinha onde morar.

“Será que haveria algum lugar onde ficar?”

Josiffe balançou a cabeça negativamente.

Thorpe explicou que tinha de viajar a Malta no dia seguinte para entrevistar o primeiro-ministro anterior, Dom Mintoff. Mas Josiffe poderia passar a noite na casa da mãe de Thorpe, em Surrey. À parte a comodidade do arranjo, ambos ainda poderiam conversar, no caminho, sobre todos aqueles problemas pelos quais o rapaz vinha passando. Pelo que Josiffe pôde entender naquele momento, todas as suas orações tinham sido atendidas. Então, se lembrou de Tish. Contou a Thorpe sobre a cadela e sobre a proibição de entrar com ela no palácio. Thorpe recomendou que ele não se preocupasse, pois ele iria resolver tudo. Jogando todas as suas toneladas de charme sobre o guarda da porta, Thorpe perguntou se eles talvez não pudessem tornar Tish uma “cocker spaniel do rei honorária” somente por um dia.

O guarda se derreteu todo sob aquele poder de persuasão. Depois de pegar Tish com os defensores dos animais, Josiffe retornou à Câmara, onde Thorpe já o esperava em seu carro novo – tinha trocado seu Sunbeam Rapier por uma Rover preta. No caminho até Surrey, pararam em uma casa no sul de Londres onde moravam dois amigos de Thorpe, ambos homens. Lá, Thorpe pediu a um dos dois que sempre tomasse conta de Josiffe caso o rapaz algum dia precisasse de ajuda. Mais do que nunca, Josiffe se sentiu amparado por amigos. Depois dos traumas sofridos nos últimos meses, finalmente sentia que tinha encontrado gente que se importava com ele. Ficou tão aliviado que se esqueceu totalmente do plano de devolver a Thorpe as cartas de Van de Vater.

Logo depois das 7 horas da noite, chegaram em Oxted. Mas, antes que fossem à casa da mãe de Thorpe, o parlamentar encostou o carro na beira da estrada e parou. Disse que, pensando bem, seria melhor que Josiffe fingisse ser o câmera que o acompanharia na viagem a Malta. Mais ainda: ele nem deveria dar seu nome verdadeiro. Em vez disso – Thorpe simplesmente tirou um nome do nada – ele se chamaria Peter Freeman. Naquele ponto, a combinação dos remédios psiquiátricos com todo o cansaço do dia já tinha deixado Josiffe abatido o suficiente. Presumindo que Thorpe teria boas razões para aquele artifício, mas sem se importar com quais seriam, Josiffe apenas concordou. Seguiram por mais uns duzentos metros e chegaram ao seu destino. Stonewalls era austera, uma casa de pedra do fim do período vitoriano, construída em um morro nos arredores da parte central da vila.

Como se a casa não fosse intimidadora o suficiente, a mãe de Thorpe se provou ainda mais. Bastião do braço local do Partido Conservador, Ursula Thorpe tinha a reputação de ser uma mulher formidável. Usava um monóculo, fumava charutos e vinha de uma longa linhagem de mulheres duronas. Sua mãe, Lady Norton-Griffiths, uma vez cruzou os Andes no lombo de uma mula. O pai de Thorpe – ex-parlamentar dos Conservadores – morreu quando o filho tinha 15 anos. Muito embora Ursula Thorpe tivesse também duas filhas, sempre despejara uma quantidade desproporcional de atenção sobre seu garoto. Mesmo que não compartilhasse das mesmas convicções políticas que ele, era determinada a fazer qualquer coisa para fomentar a sua carreira política.

Assim que Josiffe foi apresentado, a Sra. Thorpe o pediu para assinar o livro de visitas. Olhando horrorizado para o livro aberto na mesa no salão de entrada, Josiffe tentava desesperadamente se lembrar do nome que Thorpe o tinha aconselhado a usar. Depois de perguntar discretamente, assinou como Peter Freeman. Então, com mais um cochicho, quis saber que endereço deveria colocar.

“Escreva apenas ‘Colchester’”, Thorpe cochichou de volta.

A casa era tão soturna por dentro quanto por fora. Não demorou muito para que os três se sentassem para jantar. Muito embora a refeição fosse



apenas ovos quentes, foi servida com muita cerimônia em uma mesa na sala de visitas que tinha sido posta com toalha e guardanapos de pano.

Durante a refeição, Josiffe estava com tanto medo de a Sra. Thorpe fazer alguma pergunta técnica sobre o ofício de *cameraman* que mal conseguiu comer. Mas não precisava ter se preocupado: ela estava interessada apenas em conversar com o filho. Enquanto lidava com seu ovo quente, Josiffe percebeu que Thorpe era bem menos extrovertido quando na presença da mãe. Até passou pela mente do rapaz que ele poderia ter certo medo dela.

Assim que terminou, Josiffe perguntou se estaria tudo bem se ele apenas se retirasse para seu quarto. A Sra. Thorpe respondeu que tudo bem, claro, e assim foi preparar a cama do convidado. Era pouco mais de 9 horas da noite. Josiffe pôs seu pijama, escovou os dentes – havia uma bacia no quarto – e tomou mais alguns comprimidos que o Dr. Willems lhe dera. Então, se deitou na cama com Tish.

Não passou muito tempo até que veio uma batida na porta. Era Thorpe. Disse que, caso Josiffe quisesse ler alguma coisa, ele vinha trazendo um livro, um romance chamado *O quarto de Giovanni*, escrito pelo americano James Baldwin. Depois de dar boa noite, Thorpe fechou a porta. Josiffe estava com sono demais para ler qualquer coisa. Mesmo assim, deu uma passada de olhos no livro e ficou surpreso ao ver que se tratava de um caso de amor entre dois homens. Enquanto estava deitado, podia ouvir Thorpe e sua mãe conversando no andar de baixo. Estava particularmente intrigado pelo fato de Thorpe chamar a mãe por um apelido de seu primeiro nome – “Urse” – e nunca de “mãe” ou “mamãe”.

Ouviu Thorpe se despedir dela – “Boa noite, Urse” – e depois o som dos passos quando ela subiu as escadas em direção ao seu quarto, bem ao lado do de Josiffe. Depois de apagar a luz, Josiffe se acomodou para tentar dormir. Quando estava quase adormecido, veio outra batida na porta, mais suave nesta segunda vez.

E mais uma vez foi Thorpe quem entrou. Agora, estava de pijama e com um robe. De princípio, sentou-se ao pé da cama. “Você está parecendo um coelhinho assustado”, disse a Josiffe. Chegando para a frente, deu-lhe um abraço e ainda acrescentou “Coitadinho do coelhinho”.

Muito para seu constrangimento, Josiffe começou a chorar.

Thorpe então saiu e voltou com uma toalha e um tubo de vaselina. Pousou a toalha sobre a coberta, deitou-se na cama ao lado de Josiffe, e então começou a passar vaselina no pênis. Em seguida, disse a Josiffe que se virasse e começou a penetrá-lo. Josiffe sentia muita dor – “Era como ser partido ao meio; achei que ele estava me matando”. Mas sabia que não podia gritar porque a Sra. Thorpe estava na cama bem ali no quarto ao lado. Só para se assegurar de que o rapaz soubesse disso, Thorpe apontou para a parede e sussurrou no ouvido do rapaz: “É o quarto da mamãe”. Para Thorpe, que se refestelava na aprovação da mãe e se ressentia da presença dominante dela, saber que ela estava ali a poucos metros de distância deve ter conferido à situação perigosa um frisson extra.

Para não gritar, Josiffe mordeu o travesseiro. Depois do que pareceu uma eternidade, Thorpe se afastou e começou a se limpar. Então, deu um tapinha na coxa de Josiffe e se retirou. Na manhã seguinte, quando acordou, Josiffe descobriu que a calça do pijama estava manchada de sangue, assim como suas coxas. Depois de se lavar tão bem quanto podia na bacia, se vestiu e foi levar Tish ao jardim. Atrás da casa havia alguns pátios pelos quais Josiffe ficou indo e voltando enquanto o sol nascia. “Por algum motivo, doía ainda mais quando eu não me movimentava, então fiquei andando. Durante aquele tempo todo, só fiquei pensando ‘o que vou fazer?’”

No fim, voltou ao seu quarto, sentou-se na cama e se pôs a esperar. Às 8 horas, Thorpe bateu na porta e perguntou como ele preferia seus ovos no café da manhã. Ao descer, Josiffe encontrou Thorpe e sua mãe na cozinha. Thorpe estava lendo o jornal enquanto a mãe estava apenas sentada, impassível de trás de seu monóculo. Ao se sentar também e ver pela frente mais um ovo cozido, Josiffe não conseguia parar de pensar que estava para cair no choro mais uma vez. Percebendo algo claramente errado, Thorpe tomou o café bem depressa e disse à mãe que eles precisavam partir logo.

“Peter ainda precisa fazer um monte de coisas antes de irmos a Malta”, ele disse.

Por um instante, Josiffe não teve a menor ideia a respeito de quem Thorpe estava falando, até que se lembrou de que ele mesmo era o tal “Peter”. Já na soleira da porta, a Sra. Thorpe dirigiu a Josiffe um olhar



continuado e disse “Meu caro, espero vê-lo novamente em breve”. Estendeu a mão. Quando a tomou, Josiffe teve uma sensação desconcertante de que, mesmo que ela talvez não soubesse o que tinha acontecido horas antes, talvez não fosse ficar também muito surpresa se descobrisse.

Na maior parte da viagem de volta, nenhum dos dois falou uma palavra. Ao se aproximar de Londres, Thorpe disse a Josiffe que precisava pegar sua secretária, Jennifer King, e dar carona a ela até a Câmara dos Comuns. Advertiu que Josiffe não deveria dizer nada a ninguém a respeito do que tinha acontecido. Ambos conversariam sobre aquilo mais tarde e decidiriam o que fazer. Depois que deixaram King na Câmara, os dois se dirigiram ao restaurante Lyons’ Corner House no lado sul da Ponte de Westminster.

Enquanto tomavam um café, Thorpe tirou sua carteira e entregou uma nota de dez libras a Josiffe, dizendo que o rapaz deveria arrumar algum lugar onde morar. Deu instruções sobre como chegar à Praça Sloane de metrô e encontrar uma banca de jornal que ficava em frente à loja de departamentos Peter Jones. Na vitrine da banca havia uma seção de classificados com quartos para alugar. Josiffe deveria escolher um lugar, adiantar um aluguel e então avisar a Thorpe onde estaria. Ainda que estivesse de partida para Malta naquela noite, Thorpe disse que queria vê-lo mais tarde.

Josiffe fez conforme instruído e encontrou uma casa em Draycott Place, no bairro de Chelsea, que era de propriedade de uma certa Sra. Flood. Como prometera, Thorpe apareceu logo depois do almoço. Mais uma vez, os dois fizeram sexo – sem penetração, dessa vez –, e então Thorpe foi pegar seu voo, dizendo que voltaria em duas semanas. Deixou Josiffe se sentindo ainda mais confuso do que antes. Muito embora Thorpe tivesse sido o salvador do rapaz, aquela salvação tinha vindo com um preço muito maior que ele poderia ter imaginado.

No entanto, por mais confuso que estivesse, ainda havia uma coisa da qual tinha muita certeza. Ele já não guardava qualquer intenção de entregar a Thorpe as cartas que o parlamentar tinha escrito para Brecht Van de Vater. Se, em certo momento, elas tinham sido a apólice de seguro daquele homem, no futuro seriam o mesmo para Josiffe.

**COELHINHOS**

Duas semanas depois, quando Thorpe voltou de Malta, foi direto a Draycott Place. Nas semanas que se seguiram, sua vida com Josiffe caiu em uma espécie de padrão irregular. Às vezes, Thorpe aparecia apenas para sexo. Às vezes, Josiffe ia vê-lo discursar na Câmara dos Comuns e eles jantavam juntos no clube Reform. Às vezes Josiffe fazia a viagem inversa e ia dormir no apartamento de Thorpe em Marsham Court, em Westminster – muito embora não gostasse muito de fazer isso, já que teria de dormir em um catre de acampamento.

E às vezes, ainda, Thorpe apenas tocava a campainha em Draycott Place e dizia a Josiffe para descer. Ambos seguiam de carro até um lugar isolado perto da ponte Battersea. Depois, Thorpe corria para a Câmara e Josiffe voltava para casa a pé. Àquela altura, uma coisa já tinha ficado clara para Josiffe, algo que ele não sabia bem como encarar: ele tinha se tornado um amante financeiramente dependente. Thorpe insistira para que Josiffe jogasse fora todas as suas roupas e fizesse um novo guarda-roupa. Mandou-o ir aos alfaiates da Gieves, na Rua Old Bond, para comprar um terno, e também ao seu costureiro de camisas, na Rua Jermyn. Em parte, Josiffe adorava toda essa atenção. Ficava aliviado também por ter mais segurança em sua vida. Mas outra parte dele se ressentia de estar sempre à disposição de Thorpe.

E havia ainda o sexo. Criado como católico apostólico romano, Josiffe sabia muito bem que sua igreja considerava a homossexualidade um pecado. Em certo momento, até foi ao confessionário da Catedral de Westminster e disse ao padre que vinha dormindo com um homem, mas sem dizer quem. A vergonha de Josiffe se aprofundou ainda mais quando o padre se recusou a absolvê-lo a não ser que ele promettesse nunca mais fazer aquilo outra vez.



À medida que o tempo foi passando, Josiffe começou a sentir que Thorpe o tinha infectado com o que ele chamava de “vírus da homossexualidade” – e que, se ele nunca tivesse encontrado aquele homem, teria levado a vida heterossexual convencional que a Igreja aprovaria. Mas ele já não conseguia se afastar daquilo. Adorava o glamour, o dinheiro e, mesmo tudo isso à parte, não conseguia pensar em outro lugar para onde pudesse ir. Em diversas ocasiões, Josiffe acompanhou Thorpe até seu curral eleitoral em Devon do Norte. No Natal de 1961, Thorpe arrumou para que Josiffe passasse as festas com seus amigos Jimmy e Mary Collier. Jimmy Collier era o potencial candidato dos Liberais em Tiverton. Para sossegar quaisquer preocupações que os Colliers viessem a ter a respeito de sua vida afetiva, Thorpe disse a eles que o pai de Josiffe tinha morrido pouco tempo antes em um acidente aéreo.

Enquanto Josiffe estava hospedado lá, ele e os Colliers se encontraram com Thorpe e sua mãe para almoçar no Hotel Broomhill, em Barnstaple. Depois do almoço, Ursula e os Colliers sugeriram que todos fossem passear a pé. Thorpe, no entanto, disse que Norman deveria provar algumas camisas no andar de cima – e o levou para seu quarto. Se alguém teve alguma ideia errada a respeito disso, ninguém falou nada.

Então, em janeiro de 1962, uma antiga paciente da Clínica Ashurst chamada Jane R apareceu em Londres. Quando ela e Josiffe estavam internados no hospital, ficaram amigos. Por sugestão dela, ambos tinham se dado alta e alugado uma casa na estrada Polstead, no norte de Oxford, junto de outro paciente do Littlemore chamado Ian B. Foi uma aventura desastrosa logo de começo. Ainda na primeira noite, Ian tentou seduzir Josiffe. Ao correr pelas escadas abaixo para contar a Jane o que tinha acontecido, encontrou-a de joelhos com a cabeça enfiada no forno. Depois de puxá-la pelos pés, ele teve de quebrar as janelas com uma cadeira para deixar escapar o gás.

Ao sair de seu quarto em Draycott Place certa manhã, Josiffe ficou perplexo de ver Jane R andando na direção dele e usando apenas um vestido longo. Tinha certeza de que jamais dera a ela seu endereço, mas ela claramente o tinha perseguido e estava bastante determinada em seduzi-lo. Depois daquela experiência em Polstead, Josiffe concluiu que não seria

uma boa ideia e rechaçou as tentativas dela. Dois dias depois, Jane foi à polícia e fez uma queixa de que ele teria roubado o casaco de pele dela. Quando a polícia procurou Josiffe para interrogá-lo, Thorpe insistiu que, como “guardião” de Josiffe, ele deveria estar presente.

O depoimento foi marcado para as 4h15 da tarde de 8 de fevereiro de 1962, no escritório de Thorpe em Westminster. Ao chegar cedo demais depois de não conseguir dormir a noite toda, preocupado com seu futuro, Josiffe disse a Thorpe que estava pensando que seria melhor se eles deixassem de se ver. Confrontado com aquela novidade que não gostou nada de ouvir, Thorpe fez o que sempre fazia: ignorou. Em vez de dar atenção, tentou beijar Josiffe e enfiar a mão nas calças do rapaz.

Quando a polícia chegou, os dois rapidamente se distanciaram. Um dos detetives, o policial Raymond Whitmore-Smith, escreveu em seu relatório que “era bastante óbvio que Josiffe tinha uma personalidade um tanto fraca e vivia em condições mentais frágeis, completamente sob o domínio do Sr. Thorpe, que estava lá como conselheiro dele. No tempo em que Josiffe estava escrevendo seu depoimento, o Sr. Thorpe teve de deixar o recinto para ir a uma reunião da Câmara dos Comuns; durante sua ausência, Josiffe ficou visivelmente mais relaxado e falante”.

Assim que a polícia descobriu que tanto Josiffe quanto Jane tinham histórico de problemas mentais, decidiu não se aprofundar no caso. Depois disso, Thorpe achou mais prudente que Josiffe desaparecesse por um tempo e o mandou ficar com os Colliers outra vez. De lá, Josiffe mandou uma carta a Thorpe com uma resposta a um anúncio que ele tinha enviado à revista *Country Life* algumas semanas antes. O anúncio dizia o seguinte: “Ex-aluno de escola pública, 21 anos, procura família e trabalho em fazenda. Habilidade com cavalos. Já esteve na competição de Badminton. Procura qualquer trabalho de fazenda mediante apenas salário”.

Josiffe também escreveu sobre suas expectativas de ir para a França estudar adestramento. Era um traço fora do usual, ele demonstrar tal otimismo com relação a seu futuro. Sentia que as coisas pareciam mais promissoras.

Em 13 de fevereiro de 1962, cinco dias depois do interrogatório policial, Thorpe escreveu de volta em papel timbrado da Câmara dos Comuns:



*Meu caro Norman,*

*Como minha correspondência geralmente chega na Câmara, o fato de a sua ter chegado a mim sozinha em minha mesa do café da manhã no Reform foi um prazer enorme.*

*Nem tenho como lhe dizer o quanto fico feliz por você finalmente estar se acertando e descobrindo que sua vida pode lhe oferecer algo de bom.*

*É uma notícia maravilhosa, e você deve sempre se lembrar de que, não importa o que aconteça, Jimmy, Mary e eu estamos te apoiando. A próxima coisa a fazer é resolver seus problemas financeiros [...] A parte mais importante disso tudo é que você – junto de Tish – agora é um membro valoroso dessa família e está fazendo um bom trabalho que realmente aprecia. Vivas!! Em face disso, certamente não haverá mais nada de clínica alguma.*

*Em tempo: coelhinhos podem ir à França (e irmão).*

Afetuosamente,  
Jeremy  
Saudades de você.

Essa carta um dia voltaria para assombrar a vida de Thorpe. Muito embora não fosse prova conclusiva de que ele e Josiffe fossem amantes, estava entremeada de termos indubitavelmente afetuosos. Além disso, Thorpe tinha datado a correspondência com fevereiro de 1961, em vez de 1962 – um erro potencialmente catastrófico. No começo de fevereiro de 1961, Josiffe ainda tinha 20 anos. Muito embora a homossexualidade fosse proibida a qualquer pessoa de qualquer idade, alguém abaixo de 21 anos ainda era considerado menor. Thorpe, portanto, poderia ser julgado não apenas por sua homossexualidade como por algo ainda mais sério: estupro de menor.

Nesse meio tempo, havia um problema ainda mais imediato. Josiffe tinha deixado seu cartão de seguridade com Brecht Van de Vater. Dadas as circunstâncias de sua partida, não poderia simplesmente pedi-lo de volta. Porém, sem o cartão, ele não conseguia trabalhar. Uma vez mais, Thorpe interveio. Em março de 1962, telefonou para o Ministério de Seguridade

Social e perguntou se poderiam fazer uma nova via. No mês seguinte, um novo cartão chegou, com o número ZT7115160.

O que Thorpe não podia prever é que o novo cartão vinha com um alto preço a ser pago. Pelo que constava dos registros do ministério, Thorpe era agora o empregador de Josiffe – e, como tal, deveria pagar as contribuições semanais de seguridade do rapaz. O breve otimismo que Josiffe sentira pouco antes já estava indo pelo ralo. Nos meses seguintes, ele apenas vagou de um lado para o outro sem rumo, como que envolto em uma névoa de confusão, trabalhando como pesquisador do Partido Liberal em Devon do Norte e mais um pouco em alguns haras de cavalos de corrida. Durante todo esse tempo, seu estado de saúde mental só foi piorando.

Então, outra tragédia: sua cadela Tish teve de ser sacrificada depois de atacar algumas galinhas de propriedade do médico de Josiffe. Em profundo luto, Josiffe escreveu para Thorpe mais uma vez, dizendo a ele tudo o que acontecera e perguntando se Thorpe poderia enviar uma foto de Tish que havia tirado tempos antes.

Em 30 de setembro de 1962, Thorpe respondeu:

*Meu caro Norman,*

*É certamente uma notícia terrível essa que me trazes sobre a Tish, e entendo o impacto que isso deve ter tido em você. Tem todas as minhas condolências.*

*Devo dizer que não estarei em casa por algum tempo e, portanto, não tenho como enviar-lhe a foto (estou em Devon). E tenho um péssimo pressentimento de que devo tê-la colado em um álbum de retratos, o que tornaria muito difícil arrancá-la.*

*No entanto... espero que todo o resto esteja transcorrendo bem.*

*Ao seu dispor,  
Jeremy*

Poucos dias depois, Josiffe tentou se matar cortando os pulsos e tomando uma overdose de calmantes. Em seu estado mental tão deprimido, estava rapidamente transformando Thorpe na causa de todas as suas desgraças – uma combinação de amante sem coração e pai ausente. Ainda assim, continuaram a se encontrar, ainda que a frequência das discussões viesse



aumentando. Depois de uma briga particularmente feia, na noite de 18 de dezembro de 1962, Josiffe saiu do apartamento de Thorpe batendo a porta. Depois de vagar pelas ruas por horas, chegou, por capricho, ao Hotel Easton, em Victoria. Por incrível coincidência, Mary Collier – esposa do Liberal de Devon que tinha acolhido Josiffe no ano anterior – estava trabalhando na recepção para ajudar a cunhada, que era a dona do lugar. Josiffe contou a ela sobre seus problemas e sobre a natureza sexual de seu relacionamento com Thorpe.

Mary Collier ficou estupefata com aquela informação – tanto que nem soube o que fazer. Josiffe também ligou para uma mulher que ele conheceu quando estava hospedado com os Colliers, chamada Caroline Barrington-Ward. Já em estado de total histeria, ele disse que ia dar um tiro em Thorpe e depois se matar. Compreensivelmente alarmada, Barrington-Ward chamou a polícia. Não demorou muito, por volta de 11 horas da noite, para que dois policiais chegassem ao Hotel Easton.

Um deles, o sargento-detetive Edward Smith, perguntou se Josiffe de fato conhecia Thorpe. Josiffe disse que certamente que sim e abriu sua maleta. Dentro estavam as cartas que ele trouxera do sítio de Brecht Van de Vater, junto a três outras que ele próprio recebera de Thorpe. Smith rapidamente deu uma olhada nelas, mas estava muito mais preocupado com a ameaça que Josiffe fizera de matar Thorpe. Ainda que Josiffe tivesse mesmo uma bala à mão – que ele fez questão de mostrar com a maior teatralidade –, não tinha arma alguma. Decidindo que não havia risco iminente de derramamento de sangue, Smith disse a Josiffe que ele deveria se apresentar à delegacia de Lucan Place, em Chelsea, no dia seguinte.

Quando apareceu na manhã seguinte, Josiffe não perdeu tempo com amenidades. “Estou aqui para contar a vocês sobre meu relacionamento homossexual com o parlamentar Jeremy Thorpe”, chegou anunciando a um surpreso detetive Robert Huntley, colega de Edward Smith. E acrescentou que estava fazendo aquilo porque “tal relacionamento está me colocando em situação miserável, e temo que possa acontecer com outra pessoa”. Josiffe então passou a relatar em detalhe diversos encontros sexuais com Thorpe em Marsham Court: “Ele então enfiou o pênis no meu ânus e começou a estocar até ejacular em mim. Depois, se limpou com um lenço

de papel. Quero dizer aqui que não me agradava em nada fazer aquilo, não só para me livrar de qualquer acusação, mas porque eu realmente odiava fazer aquilo. Estava ligado a Jeremy porque ele me ajudou muito e, claro, eu não ia querer dizer não a ele”.

Descreveu ainda outros incidentes, incluindo um acontecido no Hotel Broomhill, em Barnstaple. Ainda que Thorpe tivesse reservado dois quartos separados, Josiffe acordou e encontrou o parlamentar deitado na mesma cama que ele. “Não usou vaselina dessa vez, mas outro lubrificante que também vinha em um tubo. Não vi a cor daquela substância. Passou no pênis dele e depois o enfiou no meu ânus. Então me pediu para que eu enfiasse meu pênis no ânus dele. Não usei nenhum lubrificante, mas enfiei meu pênis, mas não ejaculei. Só me senti mal. Ele ficou com muita raiva de mim. E depois saiu do quarto.”

Depois de assinar um depoimento de seis páginas, Josiffe mostrou a Huntley e Smith algumas das cartas que levava em sua maleta. Entre elas estava aquela com a data errada, do “coelhinho que pode ir à França”, e também o cartão-postal. Também mostrou outra carta que dizia “Meu anjo, tudo o que quero na vida é dividir uma propriedade em Devon com você” e, em seguida, descrevia em poucos detalhes o quanto Thorpe adorava fazer sexo com ele. Antes de deixar a delegacia, Josiffe foi examinado por um médico da polícia. De forma humilhante, teve de se curvar para deixar o cirurgião enfiar uma sonda em seu ânus. O médico confirmou que Josiffe tinha praticado sexo pouco antes. Josiffe então partiu e, depois de mais uma vez vagar pelas ruas por muitas horas, acabou indo para o mais inusitado de todos os lugares: o apartamento de Thorpe.

Tudo isso deixou Huntley e Smith em um dilema. Será que deveriam investigar aquele caso mais a fundo e arriscar sofrer a fúria de uma figura pública influente como Thorpe? Ou deveriam lavar as mãos e esquecer o assunto o quanto antes? Um tanto previsivelmente, venceu a autopreservação. Apenas para se ver livre do assunto, Huntley pediu à polícia de Barnstaple, em Devon, para investigar a história de Josiffe. Fizeram algumas pesquisas *pro forma* e disseram que não encontraram nada. Huntley então enviou uma pasta contendo todo o caso – incluindo as cartas de Josiffe – para a Scotland Yard. De lá, ela foi despachada para o



Departamento de Assuntos Especiais com uma cópia para o MI5, que mantinha arquivos sobre todos os membros do Parlamento. Depois de examinar todo o material, o Departamento também decidiu tomar o caminho mais fácil. O depoimento original de Josiffe e toda a correspondência foram guardados em um cofre no escritório do comissário-assistente da divisão de crimes e prontamente esquecidos.

E lá o assunto deveria ter sido esquecido – a não ser pelo fato de que não foi. Em janeiro de 1963, Josiffe conseguiu um emprego na escola de equitação Castle, em Comber, Irlanda do Norte. Fez a mala e pegou a balsa de Cairnryan para Belfast. Havia só um problema: para trabalhar, ele precisava de seu cartão de seguridade social. Ainda que Thorpe tivesse lhe enviado o cartão, o envelope nunca chegou. Como consequência, Josiffe foi mandado embora depois de apenas dois meses. Então, conseguiu um trabalho não remunerado junto a uma família que oferecia alojamento gratuito como pagamento por ele cuidar dos cavalos. Mais uma vez, ele escreveu para Thorpe pedindo que mandasse o cartão, mas outra vez não recebeu qualquer resposta. Talvez Thorpe tivesse decidido que não queria ter mais nada a ver com aquele rapaz, ou talvez estivesse focado em alguma outra coisa naquele momento.

Em junho de 1963, a Inglaterra se viu engolfada pelo maior escândalo político em quarenta anos. John Profumo, Secretário de Estado para Assuntos de Guerra do governo conservador de Harold Macmillan, teve de renunciar depois de fazer juramento solene na Câmara dos Comuns de que nunca tivera qualquer relacionamento com uma jovem prostituta chamada Christine Keeler que também vinha dormindo com o adido soviético da marinha, Eugene Ivanov. Sob crescente pressão, Profumo teve de mudar sua versão da história e admitiu que havia mentido.

A notícia causou grande sensação. Houve descrença generalizada de que um ministro de governo – e ainda mais um ex-aluno do Colégio Harrow – estivesse se relacionando com uma prostituta. Com o adicional de que ele tinha mentido descaradamente em pleno Parlamento, o sentimento geral de desgosto só fez se intensificar. Ainda que Thorpe não tivesse tido parte nenhuma naquilo, acabou por fazer uma intervenção imprudente que era típica de sua personalidade. Na Câmara, alegou ter informações

privilegiadas de que dois outros ministros logo teriam de também renunciar por “razões pessoais”. Seu pronunciamento imediatamente despertou uma especulação febril nos jornais, que tentavam identificar quais seriam os ministros em questão.

No entanto, três meses depois, o Master of the Rolls (juiz-relator) do caso, Lorde Denning, publicou seu relatório e não encontrou qualquer evidência de que as alegações de Thorpe fossem verdadeiras. O parlamentar foi obrigado a se desculpar: “Aceito o relatório de Lorde Denning e gostaria de me desculpar por qualquer incômodo que meu discurso possa ter causado”, Thorpe declarou na Câmara. Então, em outro movimento enganador tipicamente seu, tentou virar a situação em seu favor. “O próprio fato de não terem sido encontradas evidências indica que os altos critérios considerados necessários à nossa vida pública continuam mais válidos do que muitos imaginavam possível.”

Denning ainda recomendou que membros do Parlamento elaborassem dossiês uns a respeito dos outros para se assegurarem de que aquilo jamais voltasse a acontecer. Thorpe deve ter percebido muito bem o quanto ficaria vulnerável naquela nova era de paranoia e escrutínio da mídia. Considerando que Profumo foi pintado como grande vilão só por dormir com uma glamorosa jovem, Thorpe certamente seria despedaçado se seu caso com Josiffe se tornasse público. Mas, se aquela possibilidade o fez parar para pensar, não foi por muito tempo.

O governo de Macmillan se arrastou por mais um ano até que ele finalmente renunciasse sob a suspeita, depois desmentida, de que ele estivesse com câncer em estágio terminal. Nas eleições gerais de outubro de 1964, o número de votos em Thorpe aumentou quase quinze vezes, e por isso ele parecia mais irrefreável do que nunca. Mas, muito embora sua estrela continuasse a brilhar, a de Josiffe parecia cadente. No verão de 1963, ele estava competindo no Royal Dublin Show quando seu cavalo tropeçou durante um dos saltos. O animal caiu sobre Josiffe e fraturou seis vértebras do rapaz.

Josiffe voltou à Inglaterra para se recuperar e conseguiu emprego em um haras de Wolverhampton. Não durou muito tempo. Houve nova tentativa de suicídio, e então outra. Mas, mesmo em meio a tudo isso, ele continuou